

SONS DE GELO RACHANDO NO LAGO CONGELADO DAS RELAÇÕES EUA-RÚSSIA

Por M.K. Bhadrakumar*



O ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov (MRE da Rússia via Reuters).

Alguma fórmula de compromisso sobre a Ucrânia ainda poderá ser negociada na declaração do G20.

Qualquer observador de longa data da política russa saberia que a situação do tango russo-americano é mais bem avaliada a partir de subtramas, muitas vezes obscuras e despercebidas, longe do anfiteatro onde gladiadores cruzam espadas. Portanto, há dois caminhos para a crise na Ucrânia que precisam ser explorados.

Um deles é a reunião entre o Ministro das Relações Exteriores russo, Sergey Lavrov, e o seu homólogo indiano, S. Jaishankar, em Jacarta, à margem da Cúpula da Ásia Oriental, e o outro, a chegada não anunciada do Secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, a Kiev. Ambos os eventos aconteceram na quarta-feira. O tráfego cifrado entre Jacarta, Kiev, Moscou e Washington teria sido bastante intenso durante as últimas 48 horas.

A [transcrição russa](#) sobre a reunião de Lavrov com Jaishankar disse que os dois ministros “trocaram opiniões sobre as questões mais prementes das relações bilaterais e questões internacionais... Um desejo mútuo de aumentar a coordenação em formatos multilaterais, principalmente na ONU, bem como dentro da SCO, BRICS e o G20, foi enfatizado”.

Evidentemente, o que justificou a reunião foi a tentativa febril da Índia de elaborar uma formulação sobre a Ucrânia para a Declaração do G20 que permitiria ao governo Modi reivindicar um triunfo diplomático.

Na semana passada, Lavrov alertou que “não haverá nenhuma declaração geral [do G20] em nome de todos os membros se a nossa posição não for refletida”. Mas Jaishankar sabe que um axioma da diplomacia russa é: “Nunca diga nunca”.

Parece improvável que Moscou impeça Modi de segurar um troféu quando o G20 terminar no domingo. Também para o Presidente Biden, um Modi bem-sucedido torna-se um parceiro mais eficaz no Indo-Pacífico.

De fato, o [anúncio da Casa Branca](#) destacou que “enquanto estiver em Nova Delhi, o presidente Biden também elogiará a liderança do primeiro-ministro Modi no G20 e reafirmará o compromisso dos EUA com o G20 como o principal fórum de cooperação econômica, inclusive ao hospedá-lo em 2026”.

Alguma fórmula de compromisso sobre a Ucrânia ainda poderá ser negociada. Se assim for, os seus parâmetros serão um indicador da medida em que Moscou e Washington estão inclinados a unir os seus respectivos interesses e expectativas.

Entretanto, em 6 de setembro, Blinken embarcou em uma visita bastante atípica a Kiev. Não havia fogo em sua barriga. Pela primeira vez, ele não ameaçou a Rússia nem ridicularizou Putin em solo ucraniano. Blinken também não demonstrou muito entusiasmo pela contraofensiva de Kiev.

Em vez disso, o seu foco estava no terrível rastro da guerra que causou sofrimento humano, na recuperação pós-conflito da Ucrânia como democracia e na reconstrução da sua economia. Blinken disse repetidamente que estava realizando a visita sob instruções de Biden. Na presença do presidente Zelensky, Blinken [declarou](#):

“Estamos determinados nos Estados Unidos a continuar caminhando lado a lado com vocês. E o presidente Biden pediu-me para vir, para reafirmar fortemente o nosso apoio, para garantir que estamos maximizando os esforços que nós e outros países estamos fazendo para o desafio imediato da contraofensiva, bem como os esforços a longo prazo para ajudar a Ucrânia a construir uma força para o futuro que possa dissuadir e defender-se contra qualquer agressão futura, mas também para trabalhar com vocês e apoiá-los enquanto se envolvem no trabalho crítico de fortalecer a sua democracia e reconstruir a sua economia.”

Palavras emocionantes, mas não houve conversas arrogantes sobre libertar a Crimeia, levar a luta para o território russo ou forçar a Rússia a desocupar os territórios anexados e negociar com a Rússia apenas a partir de uma posição de força. Na [coletiva conjunta](#) de Blinken para a imprensa com o ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, este último afirmou que eles tiveram uma discussão “substantiva” sobre o fornecimento de foguetes de longo alcance, ATACMS, para Kiev. Mas Blinken evitou o assunto.

O mais incomum na visita de Blinken foi que ela se estendeu para um segundo dia. Esta deve ser a primeira vez que Blinken passa uma noite na Ucrânia. Blinken teve uma agenda bastante apertada no primeiro dia de reunião com Kuleba, Zelensky e o primeiro-ministro Denis Shmygal, mas o itinerário para o segundo dia (7 de setembro) foi deixado em aberto. Obviamente, ele veio a Kiev para discussões sérias.

É concebível que Biden possa estar interessado em iniciar conversações de paz entre Moscou e Kiev, agora que a contraofensiva ucraniana não conseguiu cumprir os seus objetivos político-militares, e há sinais preocupantes de diminuição do apoio nos EUA e na Europa para a guerra por procuração, enquanto uma ofensiva russa poderia desferir um nocaute nas forças armadas da Ucrânia. As estimativas russas e ocidentais são de que perto de 65-70.000 soldados ucranianos foram mortos só nos últimos três meses, desde o início da “contraofensiva” de Kiev.

Entretanto, numa coincidência interessante, em 6 de Setembro, o parlamento ucraniano Verkhovna Rada aprovou a nomeação de Rustem Umerov como o novo Ministro da Defesa, em substituição de Alexei Reznikov. Tártaro da Crimeia nascido no Uzbequistão (URSS), Umerov não tem antecedentes militares. Mas Zelensky confia nele e é aceitável para os americanos.

O que distingue Umerov é que ele foi um negociador-chave nas negociações de paz com a Rússia em Istambul no ano passado, em março, o que na verdade resultou num documento acordado (do qual Zelensky posteriormente se retratou sob pressão anglo-americana). Mais uma vez ele foi fundamental na negociação da Iniciativa dos Cereais do Mar Negro (o chamado acordo de cereais entre a Ucrânia e a Rússia), que se tornou operacional em julho do ano passado, em Istambul. São palhas ao vento que devem ser devidamente anotadas.

No dia 7 de Setembro, um dia após a nomeação de Umerov, o Ministério da Defesa turco [anunciou em Ancara](#): “Estamos monitorando de perto os acontecimentos que se desenrolam entre a Rússia e a Ucrânia, que ameaçam seriamente a segurança da nossa região e do mundo inteiro. Confirmamos a nossa disponibilidade para desempenhar um papel ativo e de assistência na garantia de um cessar-fogo e uma paz estável, bem como para fornecer apoio abrangente no alívio da crise humanitária.” Mais uma vez, deve notar-se cuidadosamente que o Ministro da Defesa turco, Yasar Guler, tinha acabado de regressar da Rússia como membro da delegação que acompanha o presidente Recep Erdogan a Sochi, na segunda-feira.

Em mais uma coincidência, em 7 de setembro, o governador em exercício da região de Zaporizhya, Yevgeny Balitsky (nomeado pelo Kremlin), do nada, [disse à TASS](#) que a Rússia e a Ucrânia precisam de uma plataforma neutra onde os dois países possam negociar soluções pragmáticas para questões mútuas, incluindo trocas de prisioneiros, o que funcionaria mesmo enquanto a operação militar especial continuasse. Balitsky estava respondendo a uma pergunta incisiva da TASS sobre a possibilidade atual de conversações Rússia-Ucrânia. Ele passou a afirmar que:

“Deveria haver uma plataforma de negociação em algum lugar – ao nível dos ministérios das Relações Exteriores, ao nível de outros países mediadores. São necessárias pessoas que, infelizmente, estão desligadas da situação. Eles são capazes de abordar a questão de forma objetiva e pragmática, porém, deveria haver uma mesa em algum lugar onde representantes autorizados pudessem interagir. Isto permitirá resolver questões de troca [de prisioneiros de guerra] ou, por exemplo, a questão de uma moratória sobre bombardeios de centrais nucleares. Isto beneficiará a todos, mesmo em tempos de guerra, por mais cínico que pareça. Então, de qualquer forma, deveria haver algum tipo de plataforma. Poderia lançar o início de conversações mais extensas. E algo poderia crescer a partir disso como resultado. E, talvez, conseguiríamos resolver pacificamente a tarefa proposta pelo presidente.”

Não se engane, Balitsky é um político experiente de Melitopol, oriundo de uma família de militares que serviu no exército soviético e teve dois mandatos no parlamento ucraniano desde que entrou na política em 2004. Sem dúvida, ele falou sob instruções do Kremlin.

A propósito, Putin encontrou-se com Balitsky no Kremlin há duas semanas. As observações de Balitsky foram cuidadosamente cronometradas, e Blinken e os seus anfitriões ucranianos não teriam perdido a mensagem que ele transmitiu – que Moscou está aberta a negociações.

Mesmo que se ouçam sons de rachadura no lago congelado das relações russo-americanas, o que encanta a visão é que tanto Biden como Lavrov chegaram a Délhi para a cúpula do G20 até domingo.

Publicado no [Indian Punchline](#).

***M.K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.
